

LETRAS AMAZÔNICAS

HÁ 100 ANOS,

ABRIDORES

DE LETRAS

RESGUARDAM
IDENTIDADE RIBEIRINHA**LEGADO** - Letras decorativas presentes em embarcações da região revelam traços da cultura e saberes locais e podem se tornar patrimônio imaterial

barco desde a infância. Autodidata, aprendeu o ofício por observação. “Geralmente esse ofício vem por um mestre ou alguém da família. Mas eu não tive um mestre abridor de letras como influência. Em compensação, eu tive muitos mestres, porque a inspiração era em todos os barcos que eu via”, lembra.

Desde menino, Kekel trabalhava com desenhos, como por exemplo de personagens para decoração de aniversários. Foi com 12 anos que, pela primeira vez, ele abriu letras em um barco. “Eu fazia uma letra, pulava na água, tomava banho de igarapé e depois voltava a fazer. Passei mais de uma semana para concluir”, recorda. Hoje, vive do ofício, também em outras frentes, além da pintura de barcos.

ESTILO

A tradição dos abridores de letras começou há exatamente 100 anos, em 1925. Na época, a Capitania dos Portos determinou que todas as embarcações deveriam ter um nome que as identificasse. Só que, na região amazônica, os artistas responsáveis pelas pinturas quiseram diferenciar visualmente as embarcações. “Eles passaram a atribuir estilo próprio, com combinações de cores específicas, formas de desenhar a letra, de acordo com a sua criatividade

e a negociação com o dono da embarcação”, conta a designer Sâmia Batista.

A também designer Fernanda Martins, que estudou especificamente as letras decorativas amazônicas, detalha que essa tipografia tem características próprias. “São divididas em duas cores, têm uma extrusão 3D, e esse 3D tem um matizado, um degradê. Elas também têm os “caqueados”, que são os enfeites dentro da letra. É uma tradição que existe ao longo das bacias do Amazonas e do Tocantins, passada de pai para filho ou de ribeirinho para ribeirinho. Não é apenas uma prática paraense, mas amazônica”, afirma.

E essa tradição é levada pelo rio, de um lugar a outro. “Um artista pinta em um município e, apesar de o homem não sair dali, o barco sim: vai para outro município, influenciando outro abridor de letras. Então, é um saber construído coletivamente, em diversas localidades da Amazônia. Em mais de 70 entrevistas com abridores de letras, uma das falas mais recorrentes deles foi ‘Chegou barco de outro município com uma letra linda. Vou fazer uma mais bonita’. Então, foi a concorrência pela letra mais bonita que desenvolveu, ao longo do tempo, a letra decorativa amazônica”, afirma.

RESGATE

Fernanda Martins é professora de tipografia. Depois de uma pós-graduação em design gráfico na Suíça, em que estudou especificamente famílias tipográficas, ela chegou a Belém em 2004, quando conheceu as letras decorativas dos barcos. “Comecei a pesquisar, fiz uma monografia sobre isso, resgatando histórico e evolução dessas letras amazônicas. Primeiro, foquei mais nas letras em si, e depois em quem é o detentor desse saber, entendendo que não é uma simples caligrafia, mas um saber amazônico desenvolvido ao longo do tempo num determinado território”, esclarece.

Com mais de 20 anos de pesquisas na área, Fernanda é uma referência no tema e fundadora do Instituto Letras que Flutuam, junto com Sâmia Batista. A entidade reúne abridores de letras de várias partes do Pará e dá visibilidade à tradição.

Sâmia conta que as duas, sócias de um escritório de design, acabaram tomando as letras amazônicas e os abridores de letras como uma bandeira. “Propus o mapeamento desses artistas, para que a gente encontrasse essas pessoas, conhecesse suas realidades e que a gente saísse apenas daquela interface estética que é a letra em si. Eu queria saber o que estava por trás da letra”, destaca.

ÁDRIA AZEVEDO
Especial para O Liberal

ou de Muaná, no Marajó. Cresci no mato mesmo. Eu via os barcos passando no rio e sempre me chamou muita atenção essas letras dos nomes das embarcações. Eu achava bonito essa decoração toda, essa divisa de letras, o degradê. Por isso, hoje sou abridor de letras profissional, há nove anos”, conta Donnyelson Leal, conhecido como Kekel em seu meio.

Os abridores de letras são profissionais amazônidas, ribeirinhos, que pintam os nomes nas laterais do barco, para identificá-los. Porém, não são letras comuns: têm toda uma estética característica, que reflete a identidade ribeirinha. É uma tradição comumente passada por gerações, de pai para filho.

Kekel tem interesse pelas letras de

LIBERAL
AMAZON

Use a câmera do seu celular para acessar o conteúdo multimídia.



PATROCÍNIO

APOIO



“Eu achava bonito essa decoração toda, essa divisa de letras, o degradê. Por isso, hoje sou abridor de letras profissional, há nove anos”, conta Donnyelson Leal, conhecido como Kekel

I thought all that decoration, the lettering, the gradients, were beautiful. That’s why I’ve been a professional letter painter [letter opener] for nine years,” says Donnyelson Leal, known as Kekel



AMAZONIAN LETTERS

For 100 years, ‘letter openers’ have protected riverside identity

LEGACY - Decorative letters found on boats in the region reveal traces of local culture and knowledge and may become intangible heritage

ADRIA AZEVEDO
Translated by Maria Annarry Tavares, Silvia Benchimol and Ewerton Branco (UFPA/ET-Multi)

“I’m from Muaná, in Marajó. I grew up deep in the woods. I used to see boats passing by on the river, and I was always struck by the letters of the boats’ names. I thought all that decoration, the lettering, the gradients,

were beautiful. That’s why I’ve been a professional letter painter [letter opener] for nine years,” says Donnyelson Leal, known as Kekel in his circles.

The ‘letter openers’ are Amazonian riverside professionals who paint the given names on the sides of the boats to identify them. However, these are no ordinary letters: they have a distinctive aesthetic that re-

flects the riverside identity. It’s a tradition commonly passed down through generations, from father to son.

Kekel has been interested in boat lettering since childhood. Self-taught, he learned the craft by observing others. “Usually, this craft comes from a teacher or family member. But I didn’t have a lettering master as an influence. But instead, I had many teach-

ers, because inspiration came from every boat I saw,” he recalls.

Since he was a boy, Kekel has been working with drawings, such as characters for birthday decorations. It was at age 12 that he first painted letters on a boat. “I would draw a letter, jump in the water, swim in the creek, and then start again. It took me over a week to complete,” he recalls. Today, he makes a living from this artistic craft, in other areas besides boat painting.

STYLE

The tradition of ‘letter openers’ began exactly 100 years ago, in 1925. At the time, the Harbor Master’s Office determined that all vessels should have a name to identify them. However, in the Amazon region, the artists responsible for the paintings wanted to visually distinguish the boats. “They began to attribute their own style, with specific color combinations and ways of drawing the letter, according to their creativity and negotiations with the boat’s owner,” says designer Sâmia Batista.

Designer Fernanda Martins, who specifically studied Amazonian decorative letters, explains that this typography has its own characteristics. “They’re divided into two colors, have a 3D extrusion, and this 3D has a nuanced, gradient effect. They also have ‘caqueados’, which are ornaments within the letters. It’s a tradition that exists throughout the Amazon and Tocantins basins, passed down from father to son or from riverside dweller to riverside dweller. It’s not just a practice in Pará, but in the Amazon as a whole,” she states.

And this tradition is carried by the river, from one place to another. “An artist paints in one municipality, and although the man doesn’t leave that place, the boat does: it goes to another municipality, influencing another letter opener. So, it’s a collectively constructed knowledge, in various locations in the Amazon. In more than 70 interviews with letter openers, one of their most frequent statements was, ‘A boat came from another municipality with beautiful lettering. I’m

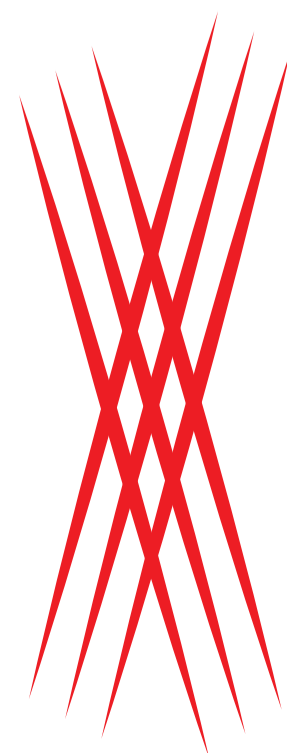
going to make a prettier one.’ So, it was the competition for the most beautiful lettering which evolved over time, the decorative Amazonian lettering,” he states.

RESCUE

Fernanda Martins is a typography professor. After a graduate degree in graphic design in Switzerland, where she specifically studied typographic families, she arrived in Belém in 2004, where she discovered the decorative letters on boats. “I began researching and wrote a monograph on this subject, tracing the history and evolution of these Amazonian letters. First, I focused more on the letters themselves, and then on who holds this knowledge, understanding that it’s not simple calligraphy, but Amazonian wisdom developed over time in a specific territory,” she explains.

With over 20 years of research in the field, Fernanda is a leading figure in the field and co-founder of the Instituto Letras que Flutuam [Floating Letters Institute] along with Sâmia Batista. The Institute brings together letter openers from various parts of Pará and promotes the tradition.

Sâmia explains that the two, as partners in a design firm, ended up embracing the Amazonian letters and letter openers as a banner. “I proposed mapping these artists so we could find these people, learn about their realities, and move beyond the aesthetic interface of the letter itself. I wanted to know what was behind the letter,” she emphasizes.



ARTE

CONTEMPLA UNIVERSO

DOS ABRIDORES

De acordo com Sâmia Batista, os abridores de letras colocam seu universo dentro da sua arte. “A letra de barco é um mundo.

Dentro dela, o ribeirinho coloca a paisagem, expressa sua linguagem. Não é apenas uma manifestação gráfica, é uma manifestação cultural de artistas populares que mostram sua maneira de estar no mundo. A paisagem amazônica não é apenas aquela dada pela natureza, mas também aquela que é construída. O abridor de letras também é responsável pela construção da paisagem amazônica. Um abridor de letras uma vez nos disse que um barco sem letra é um barco sem alma”, diz ela.

Kekel confirma a identidade expressa em suas letras. “Já fui em outros Estados e vi que as nossas letras são muito diferentes. Elas têm uma característica nossa, a mistura de cores, sempre o vermelho e o amarelo, cores vibrantes, características da Amazônia”, comenta.

INSTITUTO

O projeto Letras que Flutuam, que busca valorizar o trabalho dos abridores de letras, já existe há alguns anos, mas o Instituto,

com a criação de CNPJ, tem cerca de um ano de fundação. “O Instituto surge a partir desses 20 anos de pesquisa, contatos com os abridores, pedidos deles mesmos de trabalhar juntos e da promoção de projetos de geração de renda. A gente busca divulgar e valorizar esse saber desses homens amazônicos, que eram esquecidos até 2004, pois pouco se falava da letra amazônica. Temos documentários, palestras, oficinas e, recentemente, fizemos o primeiro encontro de abridores de letras da Amazônia, quando estes homens, que se comunicavam apenas por WhatsApp, puderam pela primeira vez se conhecer pessoalmente”, afirma Sâmia.

Para o abridor de letras Augusto Amorim, de Ponta de Pedras, no Marajó, o Instituto tem sido benéfico para a categoria. “Nós estávamos isolados fazendo nosso trabalho. Hoje em dia, somos reconhecidos, já saímos na televisão, fizemos exposições, já trabalhei até no Carnaval do Rio de Janeiro. As letras de barco estão indo longe. E uma coisa muito importante foi termos nos conhecido pessoalmente, virado amigos, abridores de letras de várias cidades diferentes. Eu digo que hoje somos uma família”, comemora. Atualmente, o Instituto conta com 27 abridores de letras associados e mais de 170 já mapeados.

ESTILO ALDANDA PRODUTOS DIVERSOS

Além de figurar nos barcos, as letras decorativas amazônicas estão presentes em outros cenários ou produtos. Tradicionalmente, já eram pintadas em casas ou fachadas de comércio, mas passaram também a figurar de outras maneiras. Augusto Amorim, que também vive do ofício, pinta fachadas de lojas ou carrocerias de caminhão, por exemplo. “Até em carro eu já fiz. Agora, estamos fazendo placas e também a letra de barco na argila, com uma pintura bonita, para produzir colares”, detalha.

Já Kekel está montando um ateliê em Icoaraci, distrito de Belém, para produzir novas peças. “Estou saindo um pouco da parte do barco e chegando para um público mais diferenciado, para viajar o mundo, porque meu trabalho vai para outros Estados e até para outros países. Faço letras em 3D, recortadas na madeira; números para apartamento no estilo de letra de barco; quadros pintados com as letras amazônicas. Quero abrir o primeiro ateliê de letras aqui em Belém, para ser uma referência na aquisição desses produtos”, adianta o artista.

Mas, com a maior visibilidade e mais produtos com as letras amazônicas em circulação, surge também um problema: a apropriação da técnica por artistas ou empresas de

outros Estados, que nada têm a ver com a realidade dos abridores e da região.

VISIBILIDADE

“A gente quer que essas letras migrem para outros suportes, como camisetas, acessórios, artes em geral, mas isso precisa beneficiar primeiramente o autor da letra. Nossa bandeira é que os produtos sejam comprados do artista original abridor de letras e não de outro designer. Não que outras pessoas não possam fazer, mas é preciso que haja a consciência de que o trabalhador ribeirinho, já vítima das desigualdades econômicas, seja o primeiro beneficiado. Mas a gente vê que não existe essa consciência, que artistas de fora da Amazônia estão vendendo no Rio, em São Paulo. Essa garimpagem cultural é muito injusta”, opina Sâmia.

Um dos trabalhos do Instituto Letras que Flutuam é justamente trazer essa reflexão. “Se até 2004, os abridores eram esquecidos, agora são duplamente invisibilizados, porque designers e ilustradores fazem essas letras, tomando emprestada a importância dessa identidade amazônica que está contida na letra de barco, mas sem valorizar o detentor desse saber. Então, é uma apropriação cultural”, declara Fernanda.



“Hoje em dia, somos reconhecidos, já saímos na televisão, já trabalhei até no Carnaval do Rio de Janeiro”, conta Augusto Amorim (acima). Kekel destaca: “Já fui em outros Estados e vi que as nossas letras são muito diferentes”

“Nowadays, we’re recognized, we’ve been on television, I’ve even worked at Rio de Janeiro’s Carnival,” says Augusto Amorim (above). Kekel emphasizes: “I’ve been to other states and seen that our lyrics are very different.”



Art contemplates the universe of ‘letter openers’

According to Sâmia Batista, letter openers place their universe within their art. “The letter of a boat is a world. Within it, the riverside dweller places the landscape, expressing his language. It’s not just a graphic manifestation, it’s a cultural manifestation of popular artists who show their way of being in the world. The Amazonian landscape is not only one given by nature, but also one that is constructed. The letter opener is also responsible for the construction of the Amazonian landscape. A letter opener once told us that a boat without letter is a boat without a soul,” she says.

Kekel confirms the identity expressed in her letters. “I’ve been to other states and seen that our lyrics are very different. They have a unique characteristic: the mix of colors,

always red and yellow, vibrant colors, characteristic of the Amazon,” he comments.

INSTITUTE

The “Floating Letters” project, which seeks to promote the work of letter openers, has been in existence for several years, but the Institute, which has now been registered as a CNPJ [Brazilian Corporate Taxpayer Registry], was founded about a year ago. “The Institute emerged from 20 years of research, contacts with letter openers, their own requests to work together, and the promotion of income-generating projects. We seek to disseminate and value the knowledge of these Amazonian men, who were forgotten until 2004, as little had been said about Amazonian letters. We have documentaries, lec-

tures, workshops, and recently, we held the first meeting of Amazonian letter openers, where these men, who previously communicated only via WhatsApp, were able to meet in person for the first time,” says Sâmia.

For letter opener Augusto Amorim, from Ponta de Pedras, Marajó, the Institute has been beneficial to the profession. “We were isolated doing our work. Today, we’re recognized; we’ve been on television, held exhibitions, and even worked at the Rio de Janeiro Carnival. The boat letters are going far beyond. And a very important thing was meeting each other in person, becoming friends, letter openers from several different cities. I’d say we’re a family today,” he celebrates. Currently, the Institute has 27 associated letter openers and over 170 already mapped.

Style reaches diverse products

Besides appearing on boats, decorative Amazonian letters are present in other settings and products. Traditionally, they were painted on houses or storefronts, but they’ve also appeared in other ways. Augusto Amorim, who also makes a living from his craft, paints storefronts and truck bodies, for example. “I’ve even done it on cars. Now, we’re making signs and also the boat letter in clay, with a nice paint job, to make necklaces,” he explains.

Kekel is now setting up a studio in Icoaraci, a district in Belém, to produce new pieces. “I’m moving away from the boat scene and reaching a more diverse audience, traveling the world, because my work is being sold in other states and even other countries. I make 3D letters cut out of wood; apartment

numbers in the style of boat letters; paintings with Amazonian letters. I want to open the first lettering studio here in Belém, to become a reference for the acquisition of these products,” the artist explains.

But, with greater visibility and more products with Amazonian letters in circulation, a problem also arises: the appropriation of the technique by artists or companies from other states, which have nothing to do with the reality of the letter openers or the region.

VISIBILITY

“We want these letters to migrate to other media, such as t-shirts, accessories, and art in general, but this must first benefit the author of the letter. Our goal is that products be purchased straight from the origi-

nal artist, not from other designers. Not that others can’t do it, but there needs to be awareness that riverside workers, already victims of economic inequality, should be the first ones to benefit. But we see that this awareness doesn’t exist, that artists from outside the Amazon are selling in Rio, in São Paulo. This ‘cultural mining’ is very unfair,” says Sâmia.

One of the projects of the Instituto Letras que Flutuam is precisely to bring this reflection. “If until 2004 the openers were forgotten, now they are doubly invisibilized, because designers and illustrators create these letters, borrowing the importance of this Amazonian identity contained in the boat letter, but without valuing the holders of this knowledge. So, it’s cultural appropriation,” Fernanda declares.



PL QUER DECLARAR ARTE PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

Um projeto de lei no Pará, de autoria do deputado estadual Carlos Bordalo (PT), pretende reconhecer as letras de barcos e os abridores de letras como patrimônio cultural imaterial do Estado.

Augusto Amorim apoia a ideia. “As letras são o nosso saber, da Amazônia. E a gente vê as pessoas que não são do Pará copiando e levando para outros lugares para ganhar dinheiro e a gente fica sem ganhar nada. Então, se alguém quiser nossa

letra, que venha falar com a gente, que pelo menos coloque nosso nome, diga que é uma letra do Marajó, da Amazônia. Então, precisamos que seja reconhecido como patrimônio paraense”, diz.

Já Fernanda Martins acredita que patrimonializar é importante, mas não trará reais benefícios. “Buscamos também o reconhecimento junto ao Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), mas se tornar patrimônio imaterial não vai mudar a realidade de apagamento que existe hoje no mercado em relação ao saber dos abridores de letras”, lamenta.

DE PAI PARA FILHO, POR GERAÇÕES

Assim como Kekel, Augusto Amorim aprendeu o ofício sozinho. Nascido em Barcarena, ele mora há mais de 30 anos em Ponta de Pedras e foi lá que começou sua carreira de abridor de letras. “Na escola, eu fazia muita capa de trabalho para os alunos que não sabiam fazer. E sempre via os barcos passando pelo rio, com aquelas letras, que eu achava muito bonito. Quando cheguei em Ponta de Pedras, fui trabalhar em um estaleiro, com a intenção de fazer letra de barco. Inicialmente, comecei lixando, pintando, passando selador, até que um dia surgiu a oportunidade de abrir letras e eu me ofereci para fazer. Desde então, virou minha profissão”, recorda.

Se o conhecimento de Amorim não veio de sua família, ele fez questão de repassar o que sabe aos seus descendentes. “Meus dois filhos trabalham comigo. O meu mais velho já faz serviços sozinho. E eu também já repassei isso para várias outras pessoas, porque me preocupo com a manutenção da tradição, que esse conhecimento não morra com a gente. Faço oficinas com ribeirinhos, em escolas, para quem se interessar. Já tenho alunos trabalhando em barcos, ganhando seu dinheiro e isso é muito satisfatório. Eu quero ensinar o máximo de pessoas possível. Quanto mais ensinar, melhor. E é o que eu faço”, afirma o artista.



Augusto Amorim ministra oficinas para crianças. As sócias Fernanda Martins (à direita) e Sâmia Batista tomaram as letras amazônicas e os abridores de letras como bandeira

Augusto Amorim teaches workshops for children. Partners Fernanda Martins (right) and Sâmia Batista have taken up Amazonian letters and letter openers as their banner.



Law Project seeks to declare this art an intangible cultural heritage

A legislative bill in Pará, authored by state deputy Carlos Bordalo (PT), aims to recognize boat letters and letter openers as intangible cultural heritage of the state.

Augusto Amorim supports the idea. “The letters are a knowledge of ours, from the Amazon. And we see people who aren’t from Pará copying them and

taking them elsewhere for monetary gains and we end up with nothing. So, if anyone wants our letters, they should come talk to us, at least include our name, and say that they’re letters from Marajó, from the Amazon. So, we need it to be recognized as Pará’s heritage,” he says.

Fernanda Martins believes

that heritage recognition is important, but it won’t bring real benefits. “We’re also seeking recognition from IPHAN [National Institute of Historical and Artistic Heritage], but becoming intangible heritage won’t change the current erasure of the knowledge of letter openers in the market,” she laments.

From father to son, for generations

Like Kekel, Augusto Amorim learned the craft on his own. Born in Barcarena, he has lived in Ponta de Pedras for over 30 years, where he began his lettering career. “At school, I created a lot of cover arts for the assignments of students who didn’t know how to do it. And I always saw boats passing by on the river, with those letters, which I thought were very beautiful. When I arrived in Ponta de Pedras, I went to work at a shipyard,

intending to make boat letters. Initially, I started sanding, painting, and sealing, until one day the opportunity to open letters arose, and I volunteered. Since then, it’s become my profession,” he recalls.

Although Amorim’s knowledge didn’t come from his family, he made a point of passing it on to his descendants. “My two sons work with me. My oldest one already does the work himself. And I’ve also passed this on

to several other people, because I care about maintaining the tradition, that this knowledge doesn’t die with us. I hold workshops with riverside communities, in schools, for anyone interested. I already have students working on boats, earning their own money, and that’s very satisfying. I want to teach as many people as possible. The more it is taught, the better. And that’s what I do,” says the artist.



PARCERIA INSTITUCIONAL

A produção do Liberal Amazon é uma das iniciativas do Acordo de Cooperação Técnica entre o Grupo Liberal e a Universidade Federal do Pará. As reportagens que envolvem pesquisas e estudiosos da UFPA são revisadas por profissionais da academia. A tradução do conteúdo é também realizada pelo acordo, através do projeto de pesquisa ET-Multi: Estudos da Tradução: multifaces e multisemioses.

INSTITUTIONAL PARTNERSHIP

The production of Liberal Amazon is one of the initiatives of the Technical Cooperation Agreement between the Liberal Group and the Federal University of Pará. The articles involving research from UFPA are revised by professionals from the academy. The translation of the content is also provided by the agreement, through the research project ET-Multi: Translation Studies: multi-faces and multisemiotics.